



## Nacionalismo literário brasileiro: algumas notas à luz do bicentenário da Independência (1822-2022) (Resenha)

**Murilo Chaves Vilarinho**

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Goiânia, Goiás, Brasil

E-mail: [murilovilarinho@ufg.br](mailto:murilovilarinho@ufg.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6511-7926>

Resenha da Obra: PILATI, Alexandre (Org.). *Nacionalismo na literatura brasileira: coleção de textos para o Bicentenário da Independência (1822-2022)*. Brasília: FUNAG; Instituto Guimarães Rosa, 2023.

Recebido em: 11/09/2024

Aceito em: 07/10/2024

O livro *Nacionalismo na literatura brasileira: coleção de textos para o Bicentenário da Independência (1822-2022)*, organizado por Alexandre Pilati, foi lançado pela Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), no ano de 2023. Sua idealização tornou-se concreta, já que o Brasil comemoraria 200 anos de Estado independente da Metrópole em ano anterior ao da publicação. Nessa obra, há um arcabouço de textos que reflete a tentativa de construção de uma identidade cultural do país. Assim sendo, escritos de Gonçalves Dias, José de Alencar, Machado de Assis foram abordados como aspectos discursivos capazes de revelar a peculiaridade brasileira em um sistema literário independente do Velho Mundo.

Alexandre Pilati, poeta, crítico literário e professor de literatura brasileira da Universidade de Brasília (UnB), ao organizar o livro, pensou em problematizar alguns aspectos da experiência cultural e social do Brasil, tendo como respaldo o nacionalismo avultado, perante a mística das letras do contexto europeu. Parte da literatura brasileira pode funcionar como um dispositivo capaz de argumentar/fomentar em favor de uma nação cujas bases estão alicerçadas na liberdade, na soberania, na autodeterminação e na inclusão.

Sobre a obra, essa foi um intento do Ministério de Relações Exteriores, datado de 2021, por meio da Portaria nº 365, que dispôs da conformação de um Grupo de Trabalho sobre o Bicentenário da Independência, cujo estabelecimento se justificava pela promoção de publicações alusivas à recuperação, à preservação e ao compartilhamento [com toda a sociedade brasileira] da memória diplomática nacional, em face dos duzentos anos de história do país.

Em geral, o livro divide-se em *Introdução: "A palavra brasileira"; Notas biográficas; Discurso sobre a História da literatura do Brasil; Seleta de poemas de Gonçalves Dias; Úrsula; Como e porque sou romancista; Notícia da atual literatura brasileira (Instinto de Nacionalidade); Esaú e Jacó e Seleta de poemas [trata-se de escrito sobre Mario de Andrade]*. Essa parte é composta por textos de importantes literatos do século XIX. Além desses capítulos, há uma seção final intitulada *Aulas transcritas*, em que são apresentadas abordagens dos textos acima citados por meio da interpretação de diversos estudiosos da área.

Em *Introdução: "A palavra brasileira"*, por Alexandre Pilati, nota-se um excerto interessante para se compreender o enquadramento do livro e a proposta [estabelecimento da identidade nacional] do autor. Para ele, a literatura pode ser considerada um dos aspectos "[...] mais avançados do contraditório processo de independência que o Brasil vivenciou ao longo do século XIX, cujo marco político de 1822 referenciamos hoje, duzentos anos depois. [...]". (Pilati, 2023, p.9). A literatura, sem dúvidas, foi um instrumento capaz de balizar o nacionalismo, enquanto substância básica necessária para a constituição da forma literária da periferia do mundo europeu. Nisso, os românticos foram importantes ao produzirem textos que, em alguma medida, levantavam temas nacionais, por mais que pautados ainda por alguns traços de novela de cavalaria feudal.



Em *Notas biográficas*, o organizador descreve a biografia de todos os intelectuais envolvidos na trama do livro. Inicia-se com Domingos José Gonçalves de Magalhães, brasileiro, quem produziu o célebre escrito *Suspiros poéticos e saudades*; e finaliza-se, apresentando o modernista Mário Raul de Moraes Andrade, criador da rapsódia *Macunaíma* entre outros textos ilustres.

Em *Discurso sobre a História da literatura do Brasil*, de Gonçalves de Magalhães, publicado em 1836, um marco da literatura romântica, Gustavo Serqueira Guimarães [professor na Universidade Eduardo Mondlane] pontua, inicialmente, aspectos biográficos do literato. Em suma, o escrito fala sobre a:

[...] necessidade de construção de uma identidade nacional para a nossa literatura. Através de uma argumentação que se fundamenta nos princípios estéticos do romantismo, o autor postula, por exemplo, certa genealogia literária local para a poesia brasileira, com base nas manifestações indígenas. (Pilati, 2023, p.104).

Em *Seleção de poemas de Gonçalves Dias*, Gabriel Borowski [professor no Departamento de Estudos Portugueses e Tradução da Universidade Jaguelônica, em Cracóvia, na Polônia] recorta o conhecido excerto: “Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá”, em que o sujeito lírico se vale de sua saudade do Brasil. Também, em *Juca Pirama*, há a representação da pátria por meio da magnitude do Amazonas, do grito do Ipiranga, das cores verde e amarela. A construção cultural e da identidade nacional brasileiras são as tônicas em *Seleção de poemas*.

Em *Úrsula*, Alexandre Ferreira Martins e Thamis Larissa Silveira, da *Hankuk University of Foreign Studies* [Seul – Coreia do Sul] e da *Sophia University* [Tóquio – Japão], propuseram-se a discutir elementos característicos da literatura nacional. Nesse sentido, escolheram o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859, cujo escrito pode ser considerado o precursor da literatura negra. Além disso, é um dos mais importantes registros históricos da construção de uma sociedade caracterizada pelas desigualdades pautadas pela divisão racial e o racismo. Em suma, o escrito destaca-se como uma produção significativa para a comemoração dos 200 anos de nacionalismo na literatura brasileira, porque Maria Firmina dos Reis foi a única intelectual negra a retratar o abolicionismo e a criar personagens capazes de criticar sua posição na sociedade brasileira, bem como os desdobramentos da escravidão.

No capítulo *Como e porque sou romancista*, escrito por José de Alencar e publicado em 1893, Fernanda Oliveira, professora de português no Centro Cultural Brasil-Chile, fala sobre a construção da identidade brasileira no período do Romantismo. A docente relata aspectos biográficos do literato que abarcam não apenas sua carreira intelectual, mas também política. Assim sendo, obras de caráter urbano, indianista, regionalista e histórico foram pontuados, considerando-se o contexto de um país pós-independente. Para além do Brasil, a professora também relata sobre o nacionalismo na literatura chilena, para a qual, em 1840, a grande tônica era a necessidade de construção de uma literatura local.



Considerando o capítulo *Notícia da atual literatura brasileira (Instinto de Nacionalidade)* de Machado de Assis, Alfonso Chase Brenes, escritor da Costa Rica, apresenta esse escrito que data de 1873, o qual pode ser compreendido como uma declaração de independência da literatura nacional.

O intelectual menciona que o texto é uma forma de rompimento com a estética de base colonial, herdada da Metrópole, já que Machado de Assis tem uma maneira singular [popular] de ver o mundo e abordar os universos social, psicológico entre outros. O instinto de nacionalidade, portanto, é algo genético, pertencente à gente brasileira, o que destaca a “cor local”, isto é, a essência da brasilidade.

*Esaú e Jacó e a ambivalência histórica* é capítulo de Valteir Vaz, Professor da Universidade de São Paulo. Nessa seção, Vaz diz que *Esaú e Jacó* (1904) se trata de escrito produzido por Machado de Assis, em sua fase madura. O romance ocorre em São Paulo, por meio de intertextualidade bíblica, em que os gêmeos Pedro e Paulo melhor representam a Monarquia e a República em termos alegóricos.

Em geral, a obra representa um momento delicado para a história nacional, que oscilava ao final do século XIX entre o Império e a República. A literatura, nesse caso, também destacou a “cor local”, nacional, por meio de assuntos em pauta para a época [transição política, social, cultural].

Em *Mário de Andrade e o Modernismo*, Ana Paula Freitas de Andrade e Mariana do Nascimento Ramos, respectivamente, leitora em Assunção (PY), no âmbito do Programa Leitorado do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e professora leitora de língua portuguesa e literatura brasileira na Universidade de Estudos Estrangeiros de Cantão, na China, enunciam que tratar de um artista multifário que se dedicou à cultura brasileira, como é o caso de Mario de Andrade, não é uma tarefa simples.

Para elas, Mario de Andrade compreendeu a construção do sistema literário do país e a necessidade de preservação da cultura nacional. Por meio de várias simbologias, o modernista conseguiu imprimir o significado de identidade brasileira, aspecto empregado em seu projeto modernista de literatura e ideias.

Além dos capítulos apresentados, há um posfácio que trata da construção da identidade nacional. Nesse, Priscilla Lopes d’ El Rei diz que a Independência do Brasil foi um longo processo de conflitos, portanto, além dos fatos históricos contados em escolas. No mais, para entender o Brasil, há inúmeros aspectos a serem abordados, contudo a literatura inegavelmente é um elemento de memória capaz de auxiliar a identificação dos homens que viveram e refletiram sobre os seus contextos em diferentes épocas.

Em conclusão, em 2022, comemorou-se o bicentenário da Independência, um processo que se estendeu por séculos. A autonomia nacional ainda é uma perspectiva em aberto. A



Independência não se fez apenas no plano político, mas também no plano cultural. Encontrar a brasilidade entre tantas vozes ensejadas tornou-se a grande tônica de vários intelectuais. Nisso, o indígena foi escolhido a priori como porta-voz da gente brasileira, o que fica tácito em Iracema com os românticos da estirpe acadêmica de José de Alencar até Macunaíma dos modernistas. O livro *Nacionalismo na literatura brasileira: coleção de textos para o Bicentenário da Independência (1822-2022)*, de fato, é um escrito importante para quem almeja entrever a constituição social e história do país. A pluralidade em torno dessa unidade talvez represente bem o intento de estabelecimento da ideia de nação.

## REFERÊNCIAS

PILATI, Alexandre (Org.). *Nacionalismo na literatura brasileira: coleção de textos para o Bicentenário da Independência (1822-2022)*. Brasília: FUNAG; Instituto Guimarães Rosa, 2023.

